

ADOLFO IGNACIO CALDERÓN,
MARCO WANDERCIL &
EDIVALDO CAMAROTTI MARTINS
(organizadores)

anpae

RANKINGS ACADÊMICOS E GOVERNANÇA UNIVERSITÁRIA NO ESPAÇO DO ENSINO SUPERIOR DE LÍNGUA PORTUGUESA:

ANGOLA, CABO VERDE, MACAU, MOÇAMBIQUE, PORTUGAL E BRASIL



ALFREDO GABRIEL BUZA
ARMANDO GONÇALVES (IN MEMORIAM)
ARTUR BASÍLIO VENTURELLA ALVES
CAROLINA GEORG DRESSLER
CEZAR LUIZ DE MARI
DIOGO ARAÚJO VAZ
DORA RAMOS FONSECA
ELLEN HAZELKORN
JESUS ANTÓNIO TOMÉ
LARA CARLETTE THIENGO
LUCÍDIO BIANCHETTI
LUIS CUNHA
MARIA DE LOURDES PINTO DE ALMEIDA
NOBRE ROQUE DOS SANTOS
PEDRO BERNARDINO
RUI CUNHA MARQUES
RUI MANUEL FIALHO FRANGANITO
SAMILE ANDREA DE SOUZA VANZ
TÂNIA APARECIDA FERREIRA

PREFÁCIO

JOÃO FERREIRA DE OLIVEIRA
MARIA LUÍSA MACHADO CERDEIRA

Adolfo Ignacio Calderón,
Marco Wandercil &
Edivaldo Camarotti Martins
(organizadores)

**RANKINGS ACADÊMICOS E GOVERNANÇA UNIVERSITÁRIA NO
ESPAÇO DO ENSINO SUPERIOR DE LÍNGUA PORTUGUESA:**
Angola, Cabo Verde, Macau, Moçambique, Portugal e Brasil

ANPAE
2019

ANPAE – Associação Nacional de Políticas e Administração da Educação

PRESIDENTE

Romualdo Luiz Portela de Oliveira

VICE-PRESIDENTES

Jorge Nassim Vieira Najjar (Sudeste)
Andréia Ferreira da Silva (Nordeste)
Carina Elisabeth Maciel (Centro-Oeste)
Elton Luiz Nardi (Sul)
Ney Cristina Monteiro de Oliveira (Norte)

DIRETORES

Sandra Maria Zákia Lian de Sousa - Diretora Executiva
Pedro Ganzeli - Diretor Secretário
Adriana Aparecida Dragone Silveira - Diretora de Projetos Especiais
Emília Peixoto Vieira - Diretora de Publicações
Dalva Gutierrez - Diretora de Pesquisa
Luiz Fernandes Dourado - Diretor de Intercâmbio Institucional
Márcia Ângela Aguiar - Diretora de Cooperação Internacional
Maria Vieira da Silva - Diretora de Formação e Desenvolvimento
Maria Angélica Pedra Minhoto - Diretora Financeira

EDITORES

Marcelo Siqueira Maia Vinagre Mocarzel - Editor
Sabrina Moehlecke - Editora Associada

CONSELHO FISCAL

Maria Couto Cunha
Erasto Fortes Mendonça
Cleiton de Oliveira

CONSELHO EDITORIAL

Almerindo Janela Afonso, Universidade do Minho, Portugal
Bernardete Angelina Gatti, Pesquisadora Senior na Fundação Carlos Chagas, São Paulo
Candido Alberto Gomes, Universidade Católica de Brasília (UCB)
Carlos Roberto Jamil Cury, PUC de Minas Gerais / (UFMG)

Célio da Cunha, Universidade de Brasília (UNB), Brasília, Brasil
Fernando Reimers, Harvard University, Cambridge, EUA
Inés Aguerrondo, Universidad de San Andrés (UdeSA), Buenos Aires, Argentina
João Barroso, Universidade de Lisboa (ULISBOA), Lisboa, Portugal
João Ferreira de Oliveira, Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Brasil
João Gualberto de Carvalho Meneses, (UNICID), Brasil
Juan Casassus, Universidad Academia de Humanismo Cristiano, Santiago, Chile
Licínio Carlos Lima, Universidade do Minho (UMinho), Braga, Portugal
Lisete Regina Gomes Arelaro, Universidade de São Paulo (USP), Brasil
Luiz Fernandes Dourado, Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Brasil
Márcia Angela da Silva Aguiar, (UFPE), Brasil
Maria Beatriz Moreira Luce, (UFRGS), Brasil
Nalú Farenzena, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Brasil
Rinalva Cassiano Silva, (UNIMEP), Piracicaba, Brasil
Sofia Lerche Vieira, Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza, Brasil
Steven J Klees, University of Maryland (UMD), Maryland, EUA
Walter Esteves Garcia, Instituto Paulo Freire (IPF), São Paulo, Brasil

Sobre a Biblioteca Virtual da ANPAE

A Biblioteca Virtual da ANPAE constitui um programa editorial que visa a publicar obras especializadas sobre temas de política e gestão da educação e seus processos de planejamento e avaliação. Seu objetivo é incentivar os associados a divulgar sua produção e, ao mesmo tempo, proporcionar leituras relevantes para a formação continuada dos membros do quadro associativo e o público interessado no campo da política e da gestão da educação.

FICHA CATALOGRÁFICA

C146r

Rankings acadêmicos e governança universitária no espaço do ensino superior de língua portuguesa: Angola, Cabo Verde, Macau, Moçambique, Portugal e Brasil.

Organizadores: Adolfo Ignacio Calderón, Marco Wandercil e Edivaldo Camarotti Martins, Brasília, Anpae, 2019.

ISBN: 978-85-87987-26-6

Páginas: 196, il, suporte: e-book, formato: PDF

1.Rankings acadêmicos. 2.Governança universitária. 3 Ensino superior. 4.Angola. 5.Cabo Verde. 6.Macau. 7.Moçambique. 8.Portugal. 9.Brasil. I.Calderón, Adolfo Ignacio. II.Wandercil, Marco. III.Martins, Edivaldo Camarotti. IV.Título.

CDU 378.4(673)(665.8)(512.318)(679)(469)(81)/49

Todos os arquivos aqui publicados são de inteira responsabilidade dos autores e coautores. Os artigos assinados refletem as opiniões dos seus autores e não as da ANPAE, do seu Conselho Editorial ou de sua Direção.

ANPAE

Associação Nacional de Política e Administração da Educação

Fundação Universidade de Brasília – Faculdade de Educação

Campus Universitário Darci Ribeiro, Asa Norte, Brasília, DF 70410-900

anpae@anpae.org.br – publicacao@anpae.org.br - <http://www.anpae.org.br>

Serviços Editoriais

Planejamento gráfico e capa:

João Marcos Guimarães Oliveira

joaomarcos.godesign@gmail.com

Editoração Eletrônica

Carlos Alexandre Lapa de Aguiar

carlosaguiar48@gmail.com

Revisor Textual de Língua Portuguesa

Marcos Corrêa da Silva Loureiro

Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Brasil.

loureiomcs@hotmail.com

Tradutor de Língua Inglesa

Marcelo Abinajm

Contratado da Faculdade Casa Branca (FACAB), Casa Branca, Brasil.

m.abinajm@hotmail.com

Distribuição gratuita.

RANKINGS ACADÊMICOS NAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS: PRESENÇA NO PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO E NAS NOTÍCIAS INSTITUCIONAIS¹

Artur Basílio Venturella Alves
Carolina Georg Dressler
Samile Andrea de Souza Vanz

INTRODUÇÃO

Os *rankings* sobressaem-se no cenário universitário internacional por chamar a atenção para as características e o desempenho das melhores universidades do mundo, convertendo-se em uma ferramenta útil para medir qualidade e excelência educacional. Por apresentar uma comparação simples e fácil do desempenho educacional e produtividade científica em âmbito nacional e internacional, os *rankings* universitários têm atraído grande visibilidade e despertado interesse de alunos, pesquisadores e gestores de universidades internacionais.

No cenário atual, cada vez mais os *rankings* internacionais fundamentam decisões acadêmicas de estudantes, professores e pesquisadores do mundo todo (SANZ-CASADO, 2015). Gestores das instituições de ensino superior reconhecem que uma alta posição nos *rankings* melhora a visibilidade, direcionando ao desenvolvimento de boas estratégias de contratação, produção de conhecimento e marketing para as universidades (LEITE; PINHO, 2017). Neste sentido, o fornecimento de informação acerca do prestígio das universidades pode resultar na conquista de recursos que vão além do financiamento de agências de fomento, como o aumento do número de estudantes, bons pesquisadores e professores, já que a posição ocupada por uma universidade em um *ranking* pode promover e publicizar as atividades de ensino e pesquisa por ela desenvolvidas (DE FILIPPO et al., 2012).

Há autores que são enfáticos em apontar que os *rankings* ignoram o fato de que as universidades são organizações complexas, localizadas em contextos nacionais diversos, baseadas em valores diferentes, que atendem às necessidades demográficas, étnicas e culturais de populações variadas (HAZELKORN, 2013).

1 Este capítulo apresenta resultados obtidos no âmbito do projeto de pesquisa intitulado “*Rankings* universitários: o novo desafio para a UFRGS e principais universidades brasileiras”, coordenado pela Dra. Samile Andrea de Souza Vanz, com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Afora o fato de que as universidades respondem a um contexto político e econômico em constante mudança, a objetividade dos indicadores quantitativos não contempla as práticas universitárias cotidianas, sendo que o fato de os *rankings* aplicarem os mesmos parâmetros para medir atividades de instituições muito diferentes constitui um dos motivos geradores das maiores objeções a eles (RAUHVANGERS, 2011). Nessa ótica, os indicadores para avaliação da universidade deveriam ser legitimados por condições culturais e políticas específicas, quer de cada instituição, quer de um conjunto delas com filiações comuns (MOROSINI et al., 2016).

No entanto, a missão e os objetivos da universidade podem, de certa maneira, prever e direcionar a participação de uma instituição em um *ranking*. Os modelos universitários orientados à internacionalização são os que direcionam as universidades aos *rankings* internacionais, tendo em vista que são mais voltados à pesquisa e publicação em revistas de alto impacto, à inovação e transferência de conhecimento através de patentes, e à implantação de *spin off* (DE FILIPPO et al., 2012). Muitos destes parâmetros não se aplicam à realidade das universidades brasileiras, o que dificulta a entrada das mesmas nesses *rankings*.

A priorização de atividades que resultem positivamente em subida de posições em *rankings* pode ser uma estratégia utilizada pelas universidades. Segundo Hazelkorn (2013), os *rankings* estão influenciando líderes: 76% dos gestores universitários reconhecem valer-se dos *rankings* para monitorar o que outras instituições de seu país estão fazendo e 50% afirmam monitorar instituições internacionais. Ainda, 40% reconhecem utilizar os *rankings* para avaliar a validade de convênios de cooperação e 57% dos líderes afirmaram que os *rankings* influenciaram em sua disponibilidade para colaborar com outras instituições. Tais resultados apontam que alta posição em determinados *rankings* pode assegurar e reafirmar o potencial para parcerias e financiamentos, mas, inversamente, para as universidades menos prestigiadas, pode levar a um ciclo de desvantagens.

Algumas universidades estão alterando o equilíbrio entre ensino e pesquisa, entre atividades de graduação e pós-graduação, e entre disciplinas e áreas de enfoque institucional. Os recursos estão sendo (re)direcionados para campos de pesquisa mais “produtivos”, que apresentam maior probabilidade de afetar positivamente os índices de publicação ou citação da instituição (HAZELKORN, 2013). As instituições também estão investindo em estratégias de admissão de tipos específicos de alunos, limitando o tamanho das turmas e organizando indicadores de acordo com os índices esperados pelos *rankings league tables*, trabalhando naquilo que alguns autores consideram uma espécie de “gamificação” do ensino, avaliação e produção científica.

Conforme Marcovitch (2018), 60% das universidades europeias de ensino superior e pesquisa científica mantêm equipes vinculadas às reitorias, dedicadas à análise contínua das metodologias de cada *ranking*, considerando que boas posições em *rankings* bem acreditados ajudam as universidades a reter talentos e atrair recursos. Elken, Hovdhaugen e Stensaker (2016), em um estudo dos documentos, planos estratégicos e entrevistas com gestores de universidades nórdicas, conduzido no *Nordic Institute for Studies in Innovation* (NIFU) da Noruega, apesar de encontrarem resultados que apontam serem ainda poucos os sinais de alterações da identidade das 14 universidades pesquisadas, os autores reafirmam que os *rankings* podem influenciar nas prioridades das universidades.

O amplo crescimento e a importância que os *rankings* universitários vêm obtendo no Brasil justifica o desenvolvimento de estudos e reflexões sobre esse fenômeno. Fundamentado em estudos anteriores (HAZELKORN, 2013; ELKEN; HOVDHAUGEN; STENSAKER, 2016; MARCOVITCH, 2018) acerca da influência dos *rankings* nas atividades das universidades internacionais, o presente capítulo tem como objetivo identificar se há preocupação com os *rankings* por parte de universidades brasileiras a partir de dois aspectos: a formalização do tema em seus Planos de Desenvolvimentos Institucionais (PDIs) e o aparecimento do tema em notícias publicadas em seus sites institucionais.

A análise dos PDIs permitiu verificar se essas universidades planejam melhorar suas posições ou se a estratégia não faz parte de seus planos, visto que o PDI se constitui como o documento que formaliza e torna público o planejamento dos anos futuros das instituições de ensino superior no Brasil. A análise das notícias, por sua vez, permitiu perceber como o assunto *rankings* vem sendo tratado por essas instituições, observar o interesse que o tema desperta nessas universidades brasileiras e, ainda, analisar se as universidades usam as notícias postadas em seus sites como meio de divulgação das posições obtidas, utilizando os *rankings* para autopromoção.

Para atingir os objetivos propostos foram selecionadas as 29 universidades brasileiras listadas, no ano de 2016, em ao menos um entre os quatro mais importantes *rankings* internacionais: *Leiden Ranking*, *Shanghai Ranking* (ARWU), *Quacquarelli Symonds* (QS) e *Times Higher Education* (THE), conforme trabalhos prévios desenvolvidos no âmbito do projeto de pesquisa “*Rankings* universitários: o novo desafio para a UFRGS e principais universidades brasileiras” (VANZ et al., 2018; VANZ, 2018), financiado pelo CNPq. As universidades selecionadas para a pesquisa foram: Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP),

Universidade Federal do Paraná (UFPR), Universidade Federal Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Universidade Federal do Ceará (UFC), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), Universidade Federal de Viçosa (UFV), Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade de Brasília (UNB), Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Universidade Estadual de Londrina (UEL), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Universidade Federal do ABC (UFABC), Universidade Federal de Goiás (UFG), Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Universidade Federal de Lavras (UFLA), Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), Universidade Estadual de Maringá (UEM) e Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

A coleta dos PDIs foi realizada entre os dias 18 e 19 de abril de 2018, com atualizações nos dias 16 e 17 de maio de 2018, sendo que foi possível coletar 26 PDIs dentre as 29 universidades pesquisadas. Os seguintes procedimentos foram adotados: primeiramente, busca pelo PDI no site da universidade, nos quais apenas três delas, UFSM, UFF e UFOP, possuíam um *link* na página inicial que direcionava ao documento. Quando não encontrado nenhum *link* direto, foi realizada busca nos menus das páginas iniciais dos sites, de tal forma que foram encontrados os PDIs de mais quatro universidades: UFRGS, UFSCAR, UFBA e UFLA.

Para quatro universidades - USP, UFSC, UNIFESP e UFRN, foi necessário o uso da ferramenta de busca contida no site para encontrar os documentos, pois estes não se encontravam em locais de fácil acesso. Por fim, quando não foi possível localizar o PDI através de nenhum dos métodos anteriormente mencionados, foi realizada pesquisa no buscador do Google. Tal método foi necessário para recuperação de 14 dos 26 PDIs, pois estes, em sua maioria, encontravam-se em páginas de pró-reitorias, ou outras páginas da universidade que não o site principal. Já no caso da UNESP, foi encontrado um modelo de PDI diferente, que não estava no formato de arquivo em PDF (*Portable Document Format*), mas havia uma página do site dedicada a ele, na qual era possível escolher as seções e áreas de interesse e o ler por partes.

Vale ressaltar que o período de vigência de cada PDI varia de universidade para universidade, sendo que havia PDIs para períodos de um, dois, três, quatro, cinco, nove e até dez anos de vigência. Dentre os PDIs encontrados, nove já estavam fora do seu período de vigência; mesmo assim foram utilizados, pois eram os disponibilizados no site das universidades no momento da coleta dos PDIs: USP

(2012-2017 - apenas uma versão preliminar), UFMG (2013-2017), UFSCAR (2013), UFV (2012-2017), UNB (2014-2017), UERJ (2014), UEL (2010-2015), PUC-Rio (2013-2017) e PUC-RS (2015).

Não foram encontrados os PDIs da UFRJ (apenas notícias sobre o seu lançamento) e da PUC-PR. No caso da UEM foi encontrado em seu site um arquivo eletrônico compactado tipo *zip* que deveria conter o PDI. Entretanto, apesar das diversas tentativas de acessá-lo, sempre retornava a informação de que o arquivo encontrava-se corrompido, impossibilitando o acesso ao seu conteúdo. De posse dos 26 PDIs, foi usada a ferramenta de localizar palavras no texto, onde foram pesquisadas as palavras *ranking(s)*, *universitários* e *internacionais*, para otimizar a pesquisa nos documentos.

A pesquisa sobre as notícias envolvendo o tema *rankings* no site das universidades foi realizada de maneira qualitativa. O período de tempo foi delimitado como sendo desde o ano de 2010 até o momento da coleta de dados, que ocorreu durante os meses de maio, abril, junho e dezembro de 2018. A maioria dos sites das universidades utiliza o mecanismo de pesquisa do Google, ferramenta que direciona a busca para notícias e outras páginas dentro do site das universidades. Para a busca das notícias foram utilizados os seguintes termos: *ranking(s)*, *rankings universitários* e *rankings internacionais*. Foram utilizadas as aspas para delimitar a pesquisa em quatro sites institucionais - USP, UNESP, UFRGS e UNICAMP, pois quando se pesquisou de maneira aberta recuperou-se um excessivo volume de resultados. Mesmo com a utilização das aspas, muitas das notícias encontradas nos sites dessas universidades não possuíam relação com o tema *rankings*.

As universidades UFV, UERJ, PUC-SP, UFC e UNB apresentaram problemas de busca dentro do site e a recuperação com o mecanismo de busca da instituição era, na sua maioria, nula, sendo que, no caso da UNB, a página com os resultados era instável. Então utilizou-se o Google para a pesquisa, a partir das expressões de busca: *ranking site:ufv.br*, *ranking site:uerj.br*, *ranking site:pucsp.br*, *ranking site:ufc.br* e *ranking site:unb.br*. Tal estratégia possibilitou uma pesquisa delimitada às páginas dessas instituições, resultando em diversas notícias sobre *rankings* veiculadas pelas universidades.

Devido ao grande volume de notícias publicadas sobre o tema no período, não foi possível, neste momento, realizar o *download* de todas elas. Foram feitos *printscreens* de algumas das notícias encontradas nos sites evitando o risco de perda ou quebra de qualquer um dos *links* salvos. Com as notícias selecionadas, pretendeu-se exemplificar o contexto das universidades brasileiras no que diz respeito à divulgação do desempenho nos *rankings* universitários nacionais e internacionais.

PLANOS DE DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL DAS UNIVERSIDADES

De acordo com Hazelkorn (2013), as universidades de países em recessão econômica são as que deveriam ter maior preocupação com os *rankings*. Entretanto, no Brasil, essa situação não se confirma. A análise dos 26 PDIs encontrados evidenciou que melhorar a classificação nos *rankings* não é algo prioritário na agenda das universidades brasileiras.

Apenas quatro dentre as 29 universidades listadas nos *rankings* (VANZ et al., 2018) têm o objetivo de subir posições nos *rankings* internacionais como algo estabelecido em suas metas e publicado no PDI: UFMG, UFC, UFABC e UFLA. A UFMG apresenta suas intenções de forma aberta e declara na seção de Metas de seu PDI que pretende “alcançar indicadores acadêmicos que resultem na presença da UFMG em todos os principais *rankings* internacionais de instituições universitárias” (UFMG, 2013, p. 117). A UFC declara, no anexo intitulado Plano de Metas, a intenção de “melhorar posições nos *rankings* acadêmicos internacionais” (UFC, 2018, p. 53). Já a UFABC, na seção *Rankings* Universitários: méritos e limitações, afirma que “uma meta realista para a UFABC é melhorar sua posição em todos os *rankings* aplicáveis, nacionais e internacionais” (UFABC, 2013, p. 31). A UFLA, no Quadro 5 da seção Planejamento do desenvolvimento da área de Internacionalização, declara que planeja “atuar na obtenção de melhores posições nos índices da UFLA em *rankings* internacionais” (UFLA, 2016, p. 76). Observa-se que, em geral, a ideia dessas quatro universidades é melhorar o posicionamento em *rankings*, sem, no entanto, nomeá-los ou mencionar estratégias específicas para atender aos indicadores comuns aos rankings universitários.

As universidades UNICAMP, UFRGS, UNESP, UFPE, UFSCAR, UFV, UNB, UERJ, PUC-RS, PUC-SP e UFG não mencionam nada sobre o assunto em seus PDIs (UNICAMP, 2016; UFRGS, 2016; UNESP, s/d; UFPE, 2014; UFSCAR, 2014; UFV, 2012; UNB, 2014; UERJ, 2014; PUC-RS, 2011; PUC-SP, 2015; UFG, 2018).

Entre as outras 11 universidades, o único *ranking* internacional citado é o Quacquarelli Symonds (QS), que é um *ranking* produzido desde 2010 pela empresa britânica de mesmo nome, especializada em educação e estudos no exterior (VANZ et al., 2018). Esse *ranking* é mencionado nos PDIs de UNIFESP, PUC-Rio, UEL e UFSM. A UNIFESP declara em seu PDI: “Em outros *rankings*, como o QS World University, a UNIFESP aparece nos últimos três anos entre 6^a e 11^a posição entre as instituições nacionais e entre 15^a e 30^a entre as universidades latino-americanas” (UNIFESP, 2016, p. 9). No PDI da UEL consta que:

Em 2015, o Quacquarelli Symonds Limited – QS (2015) avaliou instituições inscritas de 20 países latinos americanos, classificando as 300 primeiras. A UEL obteve as seguintes colocações: 1ª Universidade Estadual do Paraná; 5ª, Universidade Estadual do Brasil; 20ª Instituição de Ensino Superior do Brasil; 87ª Instituição de Ensino Superior da América Latina (UEL, 2016, p. 50).

O *ranking* QS também é mencionado pela UFSM:

Em avaliações internacionais a UFSM também vem sendo listada em *rankings* que calculam índices universitários com base em indicadores como a pesquisa, inovação, internacionalização e ensino. [...] Um exemplo é o *ranking* QS *University Rankings* 2015-2016, que publica *rankings* mundiais e *rankings* específicos por região” (UFSM, 2016, p. 19).

A PUC-Rio menciona, além do QS, o *ranking* brasileiro da Folha da São Paulo:

Além das rotinas de avaliação conduzidas internamente, a PUC-Rio participa de processos de avaliação e acreditação externos que fornecem indicadores do desempenho da universidade em relação a outras instituições nacionais e internacionais. Entre esses indicadores destacam-se [...] o conceito da avaliação elaborada pela Folha de São Paulo e os conceitos elaborados pelo instituto inglês de acreditação QS Quacquarelli Symonds Symonds (para o QS World *Ranking* e para o Latin American *Ranking*) (PUC-Rio, 2013, p. 91).

A UEL também mencionou o RUF, mas apenas de modo a informar suas posições: “no *Ranking* Universitário Folha - RUF, para o ano de 2015, a UEL foi classificada como a 1ª Instituição Estadual do Paraná, 5ª Instituição Estadual do país e o 23º lugar no país” (UEL, 2016, p. 50). Do mesmo modo, UFSM e UFPR, respectivamente, mencionaram o RUF:

Outro índice nacional é publicado pelo *Ranking* Universitário Folha (RUF), no qual a Universidade Federal de Santa Maria aparece na 18ª posição em 2016. Neste *ranking*, a UFSM é a segunda melhor colocada no Rio Grande Sul, atrás apenas da UFRGS. (UFSM, 2016, p. 19).

Em termos de Pesquisa e Pós-Graduação a Universidade Federal do Paraná ocupa lugar de destaque no conjunto das IFES brasileiras, tendo sido ranqueada em 2017 como a 8ª instituição no país e como 1ª colocada no Estado do Paraná pelo *Ranking* da Folha de São Paulo (UFPR, 2017, p. 11).

O *Ranking* Universitário Folha (RUF), mencionado pelas universidades é uma avaliação anual do ensino superior do Brasil realizada desde 2012, que avalia universidades e cursos superiores, tendo sido criada pela Folha de São Paulo, um dos principais meios de comunicação de imprensa escrita do Brasil. O *ranking* analisa

as 196 universidades brasileiras, públicas e privadas, a partir de cinco indicadores: pesquisa, internacionalização, inovação, ensino e mercado (FOLHA DE SÃO PAULO, 2018).

As demais universidades apenas mencionam a palavra *rankings* de maneira muito vaga, sem citar um *ranking* específico. A USP mencionou que: “Nos *rankings* internacionais, a USP aparece como a melhor universidade da América Latina, e com as melhores condições de se tornar uma universidade de classe mundial” (USP, 2012, p. 6).

A UFBA apresenta um comentário que, de certa forma, desconsidera a atuação e importância nos *rankings* no cenário universitário:

É lugar comum o reconhecimento da ampliação da cobertura do sistema, mas é menos perceptível a preocupação com a questão da qualidade, tanto que num *ranking* de 3.500 universidades do mundo todo, o Brasil tem apenas a USP entre as 200 melhores, com posição relativa decrescente nos últimos anos (UFBA, 2018, p. 58).

A UFOP também se refere aos *rankings* internacionais sem, no entanto, especificar qualquer um deles:

Todos os cursos dispõem de infraestrutura adequada e de um corpo docente altamente qualificado, que lhes permitem ocupar lugar de destaque no mercado de trabalho, nas avaliações externas conduzidas pelo Ministério da Educação e pelos diversos *rankings* organizados por instituições privadas nacionais e internacionais (UFOP, 2016, p. 16).

Já UFSC e UFF mencionam somente os *rankings* nacionais. Como nos exemplos “A UFSC tem um bom histórico no quesito internacionalização, e desfruta de uma posição confortável em qualquer *ranking* nacional sobre o tema, sempre entre os dez primeiros lugares” (UFSC, 2015, p. 106); e “no entanto, no *ranking* das universidades brasileiras, a UFF encontra-se no quadragésimo terceiro lugar, entre as públicas, e no trigésimo quarto lugar, entre as federais” (UFF, 2018, p. 54).

O Conselho de Reitores das Universidades de São Paulo (CRUESP), juntamente com a Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), empreendem esforços conjuntos para estudo de políticas a serem adotadas para aferição, registro e difusão do desempenho acadêmico de universidades públicas do Estado de São Paulo. Conforme Agopyan, Knobel e Valentini (2018, p. 7), reitores da USP, UNICAMP e UNESP, respectivamente, o projeto “Indicadores de desempenho nas universidades estaduais paulistas” repensa o formato e a divulgação dos resultados de desempenho das universidades. Tal declaração justifica, de certa forma, o fato do tema *rankings* ser mencionado de maneira vaga (caso da USP) ou sequer mencionado (casos da UNESP e da UNICAMP), servindo também como

uma das justificativas para a incipiente divulgação de notícias sobre o desempenho das universidades, conforme apresentado na seção seguinte.

NOTÍCIAS VEICULADAS PELAS UNIVERSIDADES

A análise de notícias veiculadas nos sites das 29 universidades brasileiras listadas em importantes *rankings* mundiais objetivou avaliar se o desempenho nos *rankings* é ignorado ou noticiado e se a notícia é utilizada para *marketing* das universidades.

Conforme Leite e Pinho (2017, p. 63),

Os *rankings* criam oportunidades e ameaças para o desenvolvimento das universidades, levando a resultados diferentes dependendo de como eles são usados. Em nível estratégico, algumas universidades utilizam dados compilados a partir de *rankings* para fins de *benchmarking* que, por sua vez, alimentam o planejamento institucional (tradução nossa²)

Nessa ótica, a pesquisa revelou que todas as 29 universidades brasileiras publicam em seus canais de notícia *online* matérias sobre seus desempenhos. O que varia é a quantidade de notícias publicadas: enquanto USP, UNICAMP, UFRGS, UFSC e PUC-Rio publicam muitas notícias relacionadas ao tema, outras universidades da lista noticiam os resultados obtidos com menos frequência. Foi observado que 15 das 29 universidades noticiam esporadicamente o tema *rankings*, a saber: UERJ, UFV, PUC-SP, UFMG, UNESP, UFPR, UNIFESP, UFRJ, UFSM, PUC-RS, UFLA, UFSCAR, UFF, PUC-PR e UNB. O terceiro grupo é o das universidades que pouco divulgam notícias sobre *rankings*, formado por um número de instituições que representa quase um terço das universidades pesquisadas: UEL, UFABC, UEM, UFC, UFPE, UFBA, UFG, UFOP e UFRN. Observou-se que, por mais que a quantidade de notícias varie de instituição para instituição, o que fica claro é que as universidades tendem sempre a utilizar os *rankings* como uma forma de demonstrar sua qualidade (MORPHEW; SWANSON, 2011).

É possível perceber um certo nível de competitividade entre as universidades que estão melhor posicionadas nos *rankings*, especialmente quando uma das universidades sobe posições ultrapassando as demais instituições. Por exemplo, a UNICAMP, em 27 de novembro de 2017, publicou em seu jornal a manchete “UNICAMP ultrapassa a USP e se torna a melhor brasileira em *ranking* de universidades do Brics” (UNICAMP, 2017). Tal notícia foi disponibilizada no

2 No texto original: *Rankings create opportunities and threats for universities development, thus driving to diferente results, depending on the way how they are used. At the strategic level, some universities use data, compiled from rankings, for the purpose of benchmarking exercises that in turn freed into institucional strategic planning.*

site da UNICAMP logo após a publicação do THE, apontando certa urgência das universidades brasileiras em mostrar sua posição perante as outras. Outro caso interessante é o da UFABC, que está entre as universidades que menos publica notícias sobre o assunto. Essa universidade veiculou, em 18 de outubro de 2017, uma matéria originalmente postada no site da revista Exame: “USP cai em *ranking* global; veja as melhores universidades do país” (GASPARINI, 2017). Cabe ressaltar que a notícia não trazia nenhum contexto sobre a informação, apenas duas linhas de texto informando que a USP havia caído posições no *ranking*.

A UEL publicou, em sua página de notícias, sua classificação nos *rankings* QS e THE, enfatizando sua posição de destaque na América Latina. Porém, a UEL não revelou sua posição menos privilegiada no *ranking* geral de universidades internacionais (801-1000), como mostra o seguinte trecho de notícia, publicada em 20 de outubro de 2017:

A UEL é a primeira Instituição Estadual de Ensino Superior do Sul do Brasil no QS University *Rankings*: Latin America 2017(Quacquarelli Symonds), divulgado nesta terça-feira (17), que analisou 400 Instituições de Ensino Superior de 21 países da América Latina. A universidade foi considerada a 2ª melhor do Paraná, 5ª estadual do país, e está classificada no 95º lugar no cômputo geral. (UEL, 2017, s/p.)

Observou-se que as instituições que não estão tão presentes nos *rankings* internacionais, como UERJ, UFSM, UFLA, UFF, UEM, UFC, UFPE, UFBA, UFG, UFOP e UFRN, publicam mais sobre os *rankings* regionais. Motivo disso é que os *rankings* regionais podem oferecer um melhor contexto das universidades brasileiras. Isso pode ser explicado, por exemplo, pelo fato de que os *rankings* internacionais acabam reunindo, em um mesmo grupo, universidades de países com contextos culturais muito distintos, o que dificulta a obtenção de dados que de fato sejam sólidos para uma avaliação mais concisa do todo (ENSERINK, 2007).

Em novembro de 2016 a USP lançou uma edição especial de seu jornal, tratando inteiramente sobre o tema *rankings* universitários. A referida edição do jornal veicula matérias com visões críticas aos *rankings*, reconhecendo, por exemplo, a validade do uso de indicadores na tentativa de mensurar as atividades universitárias, mesmo que não totalmente adequados à realidade institucional (USP, 2016). A última matéria desta edição do jornal da USP apresenta uma entrevista com o reitor da universidade, Marco Antonio Zago, que afirma: “Não vamos tomar nenhuma medida para melhorar nos *Rankings*” (USP, 2016, p. 14). Nessa mesma notícia, o jornal traz um contexto sobre a opinião do reitor quanto aos *rankings*:

O reitor Marco Antonio Zago reconhece a importância dos rankings como uma forma de enxergar a USP em relação a outras universidades, mas questiona a classificação geral que coloca instituições de características tão diversas em uma lista ordenada. Chama a atenção, ainda, para aspectos importantes que não entram na conta dos Rankings, como seu papel na formação de recursos humanos e no desenvolvimento regional (USP, 2016, p. 14).

Por mais que as universidades afirmem que não são motivadas por *rankings*, elas ainda anseiam por bons resultados para que possam ter maior visibilidade em relação às outras instituições (LOCKE, 2014). É percebido, ainda, que as universidades publicam notícias sobre *rankings* quando isso mais lhes convém, sendo isso um fenômeno internacional, onde universidades do mundo todo têm-se tornado mais competitivas (ELKEN; HOVDHAUGEN; STENSAKERI, 2016). Divulgar o desempenho nos *rankings* é importante para as universidades privadas, pois dessa forma conseguem obter mais atenção da comunidade e futuros alunos. Exemplos disso, no cenário brasileiro foi constatado em duas das universidades privadas analisadas: a PUC-Rio e a PUC-RS.

A PUC-Rio utiliza o site da Vice-Reitoria para Assuntos Estudantis, onde publica regularmente matérias sobre o desempenho da universidade nos *rankings*. O posicionamento das notícias junto à Vice-Reitoria de Assuntos Estudantis revela a percepção que a universidade tem acerca dos *rankings* - como um tema que pode atrair novos alunos. Além dessa página, a instituição também veicula suas posições nos *rankings* em outras notícias que foram encontradas no site da universidade. A PUC-RS também possui uma considerável publicação sobre *rankings*. A busca feita no seu site identificou a mesma matéria sobre seu desempenho no Guia do Estudante, publicada diversas vezes nos sites das faculdades e institutos da universidade: “PUC-RS é a Universidade do Ano entre as instituições privadas” (PUC-RS, 2018). Importante destacar que, de maneira diversa, outras duas universidades particulares da lista, PUC-PR e PUC-SP, mencionam *rankings* de forma mais superficial, de maneira similar às universidades federais.

Conforme afirmativa de Marcovitch (2018), as universidades devem avaliar os *rankings* e utilizá-los para fortalecer sua reputação. Os indicadores utilizados por esses *rankings* convergem com sistemas avaliativos brasileiros, como os critérios estabelecidos pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Neste sentido, discutir e entender os indicadores utilizados, monitorar o próprio desempenho e criticamente compará-los ao de outras universidades, e, por fim, divulgar os resultados obtidos, são ações que devem passar a integrar planos de desenvolvimento estratégico das universidades brasileiras, a fim de que o bom trabalho nelas desenvolvido apareça. Nessa ótica, seguindo tendências internacionais, o apoio institucional para o acompanhamento dos *rankings*

universitários pode integrar serviços de bibliometria e de apoio à comunicação científica em bibliotecas universitárias, realizados ou coordenados, por exemplo, por bibliotecários, incentivando-se a divulgação sobre fontes de informação, descrição, metadados, preservação digital e disseminação da informação, sobre todos os indicadores utilizados pelos *rankings* (VANZ; SANTIN; PAVÃO, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diferentemente dos resultados encontrados em universidades estrangeiras, o tema *rankings* ainda não parece despertar interesse da grande maioria das universidades brasileiras. Como se pôde perceber através da análise dos 26 PDIs encontrados, apenas quatro das universidades têm o objetivo de subir sua posição nos *rankings* internacionais como algo estabelecido em suas metas (UFMG, UFLA, UFC e UFABC). Já UNICAMP, UNESP, UFPE, UFSCAR, UFV, UNB, UERJ, PUC-RS, PUC-SP e UFG nada mencionam sobre o assunto; e, nas outras 11 universidades, o único *ranking* internacional citado é o QS, mencionado nos PDIs de UNIFESP, UFSM, UEL e PUC-Rio, enquanto UFSM, UEL e PUC-Rio também mencionam o RUF.

Conforme os PDIs analisados, a maioria das universidades brasileiras não propõe ações para atender aos indicadores dos *rankings* internacionais e, conseqüentemente, melhorar suas posições nos mesmos. Tais resultados levam a concluir que as instituições nacionais ainda não demonstram interesse nem tampouco dão grande importância aos *rankings* internacionais. Importante ressaltar que alguns PDIs analisados já estavam fora do período de vigência e alguns possuíam período de até 10 anos. Considerando-se a atualidade dos *rankings* universitários, não surpreenderia encontrar universidades trabalhando em prol dos *rankings* sem que isso conste entre suas metas de PDI.

Em relação às notícias, observou-se de maneira preliminar que, por mais que exista a divulgação do desempenho obtido nos *rankings*, aparentemente apenas as universidades privadas utilizam os *rankings* como forma de *marketing*. Enquanto instituições que não estão tão presentes nos *rankings* internacionais, como UERJ, UFSM, UFLA, UFF, UEM, UFC, UFPE, UFBA, UFG, UFOP e UFRN, publicam mais sobre os *rankings* regionais, que podem trazer um melhor contexto das universidades brasileiras, as universidades melhor posicionadas como USP, UNICAMP, UFRGS, UFSC e PUC-Rio demonstram uma maior preocupação na publicação de notícias, talvez por serem universidades que apresentam bom desempenho nos *rankings league table*. Porém, de maneira geral, a publicação dessas

notícias é feita muito superficialmente, apenas na época em que os *rankings* são divulgados, sendo que o tema praticamente fica esquecido até a publicação da edição do ano seguinte.

Os resultados da pesquisa que ampara o presente capítulo foram obtidos a partir de uma coleta de dados realizada no ano de 2018, em PDIs e notícias veiculadas nos sites das universidades nos anos anteriores. Considerando-se o rápido e importante crescimento que os *rankings* vêm tendo no cenário universitário, considera-se fundamental que pesquisadores acompanhem PDIs e a publicação de notícias em anos subsequentes para dar continuidade a este tipo de pesquisa, proporcionando análises mais aprofundadas sobre a situação das universidades brasileiras em relação aos *rankings* acadêmicos nacionais e internacionais.

REFERÊNCIAS

AGOPYAN, V.; KNOBEL, M.; VALENTINI, S. Apresentação. In: MARCOVITCH, J. (org.). **Repensar a universidade: desempenho acadêmico e comparações internacionais**. São Paulo: Com-Arte; Fapesp, 2018. p. 7-8.

DE FILIPPO, D. et al. Visibility in international *rankings*. Strategies for enhancing the competitiveness of Spanish universities. *Scientometrics*, Amsterdam, v.93, p 949-966, 2012.

ELKEN, M.; HOVDHAUGEN, E.; STENSAKER, B. Global *rankings* in the Nordic region: challenging the identity of research-intensive universities? **Higher Education**, Washington, Jan. 2016. Disponível em: <<http://link.springer.com/article/10.1007/s10734-015-9975-6>>. Acesso em: 02 jan. 2017.

ENSERINK, M. Who Ranks the University Rankers? *Science*, v. 317, n. 5841, 24 Ago. 2007, p. 1026-1028. [doi: 10.1126/science.317.5841.1026]

FOLHA DE SÃO PAULO O que é o RUF, 2018. Disponível em: <<http://ruf.folha.uol.com.br/2018/o-ruf/>>.. Acesso em: 06 dez. 2018.

GASPARINI, C. USP cai em *ranking* global: veja as melhores universidades do país. **Revista Exame**, São Paulo, 16 out. 2017. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/carreira/usp-cai-em-ranking-global-veja-as-melhores-universidades-do-pais/>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

HAZELKORN, E. *How Rankings are Reshaping Higher Education*. In: CLIMENT, V.; MICHAVILA, F.; RIPOLLÉS, M. (Eds.). **Los rankings universitarios**, Mitos y Realidades. Madrid: Técnos, 2013.

LEITE, D.; PINHO, I. **Evaluating collaboration networks in higher education research: drivers of excellence**. Berlin Heidelberg: Springer, 2017. 129 p.

LOCKE, W. The intensification of *rankings* logic in an increasingly marketised higher education environment. **European Journal of Education**, v. 49, n. 1, mar. 2014.

MARCOVITCH, J. Introdução. In: MARCOVITCH, Jacques (org.). **Repensar a universidade: desempenho acadêmico e comparações internacionais**. São Paulo: Com-Arte; Fapesp, 2018. p. 9-15.

MORPHEW, C. C.; SWANSON, C. On the efficacy of raising your university's rankings. In: SHIN, J. C.; TOUTKOUSHIAN, R. K.; TEICHLER, U. (ed.). **University Rankings: Theoretical Basis, Methodology and Impacts on Global Higher Education**. Berlin Heidelberg: Springer, p. 185-199, 2011.

MOROSINI, M. C. et al. A qualidade da educação superior e o complexo exercício de propor indicadores. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 64, p. 13-37, jan./mar. 2016.

PUC-SP - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. **Plano de Desenvolvimento Institucional 2015-2019**. São Paulo: PUC-SP, 2015. 149 p. Disponível em: <<https://www.pucsp.br/sites/default/files/download/pucsp-pdi-plano-de-desenvolvimento-institucional-2015-2019-r2.pdf>> . Acesso em: 19 abr. 2018.

PUC- Rio, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. **Plano de Desenvolvimento Institucional 2013-2017**. Rio de Janeiro: PUC- Rio, 2013. 125 p. Disponível em: <https://www.puc-rio.br/cpa/docs/PDI_2013_17_Vol1_publicacao_CPA.pdf> . Acesso em: 19 abr. 2018.

PUCRS. PUCRS é a universidade do ano entre as instituições privadas. **Notícias**, Porto Alegre, 5 dez. 2018. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/blog/premio-melhores-universidades/>>. Acesso em: 7 dez. 2018

PUCRS. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. **Plano de Desenvolvimento Institucional 2011-2015**. Porto Alegre: PUC-RS, 2011. 76 p. Disponível em: <<http://conteudo.pucrs.br/wp-content/uploads/sites/11/2016/05/PDI.pdf>>. Acesso em: 19 abr. 2018.

RAUHVANGERS, A. **Global university rankings and their impact**. European University Association, 2011. 85 p.

SANZ-CASADO, E. (Coord.). **Guía de buenas prácticas para la participación de las universidades españolas en los rankings internacionales**. Madrid: Ministerio de Educación, Cultura y Deporte. 2015. 101 p.

UEL - Universidade Estadual de Londrina. **UEL é destaque no QS University Rankings**. Agência UEL de Notícias. UEL: Londrina, 10 out. 2017. Disponível em: <http://www.uel.br/com/agenciaueldenoticias/index.php?arq=ARQ_not&id=25434^>. Acesso em: 26 abr. 2018.

UEL - Universidade Estadual de Londrina. **Plano de Desenvolvimento Institucional: PDI 2016-2021**. Londrina: UEL, 2016. 329 p. Disponível em: <http://www.uel.br/proplan/novo/pages/arquivos/planos/pdi/PDI_2016_2021_ATUALIZACAO.pdf>. Acesso em: 3 maio. 2018.

UERJ - Universidade Estadual do Rio de Janeiro. **Plano de Desenvolvimento Institucional 2014**. Rio de Janeiro: UERJ, 2014. 181 p. Disponível em: <http://www.uerj.br/wp-content/uploads/2017/10/PDI_UERJ_25_MARCO2015.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2018.

UFABC - Universidade Federal do Abc. **Plano de Desenvolvimento Institucional UFABC**. Santo André: UFABC, 2013. 202 p. Disponível em: <http://propladi.ufabc.edu.br/images/PDI/livro_pdi.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2018.

UFBA - Universidade Federal da Bahia. **Plano de Desenvolvimento Institucional 2018-2022**. Salvador: UFBA, 2017. 163 p. Disponível em: <https://www.ufba.br/sites/portal.ufba.br/files/plano-desenvolvimento-institucional-ufba_web_compressed.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2018.

UFC - Universidade Federal do Ceará. **Plano de Desenvolvimento Institucional 2018-2022**. Fortaleza: UFC, 2018. 120 p. Disponível em: <http://www.ufc.br/images/_files/a_universidade/plano_desenvolvimento_institucional/pdi_2018_2022_pub_2018_05_17.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2018.

UFG - Universidade Federal de Goiás. **Plano de Desenvolvimento Institucional da UFG - 2018-2022**. Goiânia: UFG, 2018. 114 p. Disponível em: <https://www.ufg.br/up/1/o/PROPOSTA_PDI_2018-2022_APOS_CONTRIBUI%C3%87%C3%95ES_DOS_DIRIGENTES.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2018.

UFF - Universidade Federal Fluminense. **Plano de Desenvolvimento Institucional: PDI 2018-2022: A UFF do amanhã, como será?** Niterói: UFF, 2017. 90 p. Disponível em: <http://pdi.sites.uff.br/wp-content/uploads/sites/196/2018/06/PDI_2018-2022_aprovado-CUV_30-05-2018.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2018.

UFLA - Universidade Federal de Lavras. **Plano de Desenvolvimento Institucional: PDI 2016-2020**. Lavras: UFLA, 2016. 283 p. Disponível em: <http://www.ufla.br/pdi/wp-content/uploads/2017/04/PLANO_DE_DESENVOLVIMENTO_INSTITUCIONAL-UFLA-2016-2020_V1_1.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2018.

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais. **Plano de Desenvolvimento Institucional - 2013-2017**. Belo Horizonte: UFMG, 2013. 190 p. Disponível em: <https://www.ufmg.br/dai/textos/PDI_UFMG%202013_2017.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2018.

UFOP - Universidade Federal de Ouro Preto. **Plano de Desenvolvimento Institucional Universidade Federal de Ouro Preto: 2016-2025**. Ouro Preto: UFOP, 2016. 148 p. Disponível em: <http://www.ufop.br/sites/default/files/pdi_ufop_2016_2025.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2018.

UFPE Universidade Federal de Pernambuco. **Plano de Desenvolvimento Institucional 2014-2018**. Recife: UFPE, 2014. 125 p. Disponível em: <https://www.ufpe.br/documents/38954/713399/pdi_14_18_of.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2018.

UFPR- Universidade Federal do Paraná. **Plano de Desenvolvimento Institucional UFPR 2017-2021**. Curitiba: UFPR, 2017. 90 p. Disponível em: <<http://www.proplan.ufpr.br/portal/pdi/PDI%20UFPR%202017-2021.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. **Plano de Desenvolvimento Institucional: PDI 2016-2026**: Construa o Futuro da UFRGS. Porto Alegre: UFRGS, 2016. 77 p. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/pdi/PDI_2016a2026_UFRGS.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2018.

UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. **Plano de Desenvolvimento Institucional - 2010-2019**. Natal: UFRN, 2010. 92 p. Disponível em: <<https://ufrn.br/resources/documentos/pdi/PDI-2010-2019-final.pdf>>. Acesso em: 17 maio. 2018.

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina. **Plano de Desenvolvimento Institucional 2015 a 2019**. Florianópolis: UFSC, 2015. 108 p. Disponível em: <<http://pdi.ufsc.br/files/2015/05/PDI-2015-2019-1.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

UFSCAR - Universidade Federal de São Carlos. **Plano de Desenvolvimento Institucional - PDI**. São Carlos: UFSCAR, 2014. 50 p. Disponível em: <<http://www.cgfls.ufscar.br/arquivos/documentos/plano-de-desenvolvimento-institucional-pdi/view>>. Acesso em: 19 abr. 2018.

UFSM - Universidade Federal de Santa Maria. **Plano de Desenvolvimento Institucional 2016-2026**. Santa Maria: UFSM, 2016. 441 p. Disponível em: <<https://www.ufsm.br/pro-reitorias/prograd/wp-content/uploads/sites/342/2018/04/0510013d-1d91-47d4-bf67-1e3120598fa6.pdf>>. Acesso em: 19 abr. 2018.

UFV - Universidade Federal de Viçosa. **Plano de Desenvolvimento Institucional 2012-2017**. Viçosa: UFV, 2012. 114 p. Disponível em: <http://www.planejar.ufv.br/wp-content/uploads/PDI_2012-2017.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2018.

UNB - Universidade de Brasília. **Plano de Desenvolvimento Institucional 2014-2017**. Brasília: UNB, 2014. 113 p. Disponível em: <http://www.dpo.unb.br/index.php?option=com_phocadownload&view=category&id=94&Itemid=683>. Acesso em: 19 abr. 2018.

UNESP - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. **Plano de desenvolvimento Institucional**. Online. Disponível em: <<https://ape.unesp.br/pdi/execucao/index.php>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas. **Planejamento Estratégico Universidade Estadual de Campinas 2016-2020**. Campinas: UNICAMP, 2016. 76 p. Disponível em: <<http://www.prdu.unicamp.br/areas2/planes/planes/arquivos/planes-2016-2020>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas. **Unicamp ultrapassa a USP e se torna a melhor brasileira em ranking de universidades do BRICS**. UNICAMP, Campinas, 24 nov. 2017. Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/clipping/2017/11/24/unicamp-ultrapassa-usp-e-se-torna-melhor-brasileira-em-ranking-de-1>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo. **Plano de Desenvolvimento Institucional da Unifesp: PDI 2016-2020**. São Paulo: Unifesp, 2016. 201 p. Disponível em: <https://www.unifesp.br/world/images/arquivos/PDI_2016-2020.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2018

USP - Universidade de São Paulo. **Plano de Desenvolvimento Institucional 2012-2017 da Universidade de São Paulo**. São Paulo: USP, 2012. 200 p. Disponível em: <<https://www6.usp.br/wp-content/uploads/PDI-VIIEncontro.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

USP - Universidade de São Paulo. Não vamos tomar nenhuma medida para melhorar nos rankings. Entrevistado: Marco Antonio Zago. **Jornal da USP**, USP: São Paulo, ed. Especial, p. 14-15, nov. 2016. Disponível em: <http://jornal.usp.br/especial/wp-content/uploads/jornaldausp_especial_rankings-1.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2018. VANZ, S. A. S. O que medem os *rankings* universitários internacionais? Apontamentos teóricos, indicadores e características. *Informação & Sociedade*, João Pessoa, v. 28, p. 83-92, 2018.

VANZ, S. A.S. et al. *Rankings* universitários internacionais e o desafio para as universidades brasileiras. **Encontros Bibli**, Florianópolis, v. 23, p. 39-51, 2018.

VANZ, S. A. S.; SANTIN, D. M.; PAVÃO, C. M. G. **A bibliometria e as novas atribuições profissionais nas bibliotecas universitárias**. InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação, v. 9, n. 1, p. 4-24, 2018.